

Nordestern



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO***

Comentários sobre o cinema e a literatura produzidos no Nordeste

A Cinemateca Brasileira realizou neste início de ano o ciclo *Nordestern – Banguê-banguê à brasileira*, com filmes de ficção, documentários, longas e curtas metragens, acompanhados por duas mesas-redondas.

Foram exibidas algumas das obras-primas da arte, como *O dragão da maldade contra o Santo Guerreiro* (mas não *Deus e o Diabo na terra do Sol*), de Glauber Rocha. Tampouco ficaram de fora raridades como *Lampião*, o único documento visual existente sobre o grande líder do cangaço, 11 preciosos minutos filmados por Benjamin Abraão, hoje depositados no Instituto Joaquim Nabuco, de Recife.

Não faltou o pai de todos, de influência perene, o célebre *O cangaceiro*, de Lima Barreto, para maior glória premiado em Cannes. Rosemberg Cariry e Wolney de Oliveira, dois mestres do gênero, estiveram presentes com, respectivamente, *Corisco e Dadá* e *Os últimos cangaceiros*. Entre os históricos, figuraram ainda *Memória do cangaço*, de Paulo Gil Soares, que pioneiramente trouxe incrustados aqueles 11 minutos e, em craveira mais moderna, *Baile perfumado*, bem-humorada releitura que nos veio de Pernambuco. Coroando tudo, um bem recente: *Sertânia*, o testamento de um grande especialista, Geraldo Sarno. Dirigiu, entre muitos outros, um clássico, o curta *Viramundo*, entrevistando migrantes nordestinos em São Paulo.

E, com esse excelente critério de seleção, a mostra incluiu o muito premiado *Bacurau*. A única ausência a lamentar é a da mais perfeita adaptação de Guimarães Rosa até hoje vista, o filme de Roberto Santos *A hora e vez de Augusto Matraga*. Talvez também as de *Vidas secas* e *Os fuzis*.

Foi uma alegria constatar como a Cinemateca Brasileira conseguiu sobreviver – aliás por pouco, passando por uma inundação e um incêndio – à sanha aniquiladora do governo anterior. A instituição, como seu nome indica, é de âmbito federal, e não escapou a sinistros desígnios, como tantas outras não escaparam. Entre elas o Ministério da Cultura, o Ministério da Educação, o Museu Nacional e alguns outros museus, a Casa de Rui Barbosa, a Funarte, a Fundação Palmares, a Capes, o Cnpq, a Funai, o Ibama, o Inpe, as universidades federais... Não custa lembrar que a USP, a Unicamp, a Unesp, a Fapesp e o Museu do Ipiranga só se salvaram por serem estaduais e não federais.

Agora, a Cinemateca enfatiza a relevância do *Nordestern*, parte integrante do imaginário do sertão, e não só nos filmes.

Não há livros mais importantes que *Os sertões* de Euclides da Cunha, *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa, *Vidas secas* de Graciliano Ramos e a poesia de João Cabral de Melo Neto (*Morte e vida Severina*, *Educação pela pedra* etc.)

Não há cantor popular mais importante que Luiz Gonzaga, bardo do sertão, que dedicou sua vida e sua arte ao tema, identificando-se a um gênero musical novo – o baião – e divulgando a dança do xaxado. E mais sonoridades da caatinga,

a terra é redonda

como o aboio e a dicção especial do cego de feira que canta ao ritmo do ganzá, que ele vai integrando a suas composições.

Mas há um embasamento histórico de todo esse complexo simbólico. É a grande migração nordestina para o Sul, aonde os nordestinos vieram trabalhar, resultando de suas mãos a industrialização de São Paulo e a verticalização da cidade.

O êxodo deslancha nos anos 1930, quando, conforme o Censo do IBGE, o panorama demográfico sofre uma dupla inflexão rumo à urbanização, passando a ser tendência dominante no país rural a migração do campo para as cidades (no país todo) e do Norte para o Sul.

Nunca é demais lembrar que trouxe consequências inesperadas. Tamanha concentração do proletariado levou à criação de sindicatos fortes, que acabaram por criar um partido e levar um dos seus, de modo inédito no Brasil e no mundo, à presidência da República.

É nesse mesmo decênio que surge o “Romance de 1930”, de que são expoentes o supracitado Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e outros. Surge com tal vigor que se torna hegemônico por meio século, obra de nordestinos que falam do Nordeste e de nordestinos. Novidade no panorama brasileiro é a tônica na denúncia social: desigualdades, fome, seca, racismo e assim por diante.

Como ninguém ignora, as consequências da grande migração estão longe de se esgotar.

***Walnice Nogueira Galvão** é Professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de *Lendo e relendo (Sesc|Ouro sobre Azul)*.

O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**Clique aqui e veja como**](#)